**A Banda Municipal de Peruíbe e a Escola Municipal Livre de Música de Peruíbe: estudo da memória e da identidade na construção do patrimônio cultural**

Adriana Domingues Torello[[1]](#footnote-2)

**Resumo**

A pesquisa analisa a memória e a identidade da Banda Municipal de Peruíbe e da Escola Municipal de Música de Peruíbe/SP, com o objetivo de discutir elementos da integração social inerentes à sua constituição enquanto patrimônio cultural. Utilizando-se de abordagem interdisciplinar com elementos da Memória Social, da Música e de pressupostos da Ciência da Informação, o estudo é direcionado para uma abordagem que tangencia o patrimônio cultural a partir de atividades musicais em banda de música e suas correlações com a memória, identidade e pertencimento social. A partir das especificidades da cidade de Peruíbe, traçado um panorama histórico do seu desenvolvimento social, demográfico e econômico, faz uma retrospectiva sobre o histórico da banda de música, do início voluntarioso e amador, na década de 1930, à institucionalização como banda municipal da cidade. Paralelamente, busca-se aprofundar questões teóricas relativas aos conceitos centrais do trabalho: memória, identidade e patrimônio cultural. O objetivo é apoiar a proposição central de que a banda e a escola de música de Peruíbe teriam se constituído como patrimônio cultural, haja vista os requisitos frequentemente utilizados para tal. Essa problematização também visa equacionar a perspectiva histórica às reminiscências evocadas pelos entrevistados sobre as suas memórias a respeito desses equipamentos culturais a partir de suas vivências e participações neles. A apresentação das entrevistas realizadas com membros (antigos e atuais) da banda e da escola de música traz considerações históricas sobre esses equipamentos culturais e a repercussão das suas atividades, tendo em vista um quadro social mais amplo do que propriamente as atividades musicais. Tendo por base pesquisa qualitativa que se utilizou de entrevistas narrativas, o objetivo foi coletar dados e informações sobre o que teria permitido a esses equipamentos permanecer na memória social da cidade e de seus moradores ao longo de mais de meio século. A descrição da história da banda busca iluminar as suas diferentes fases, assim como as diferentes formas de compreender a sua singularidade do ponto de vista das informações disponíveis. Os resultados sugerem a importância da Banda e da Escola de Música para a vida pessoal dos entrevistados e para a cidade de Peruíbe, o que indica a relevância do conjunto de atividades e vivências históricas que perpassaram as distintas temporalidades que forjaram esse patrimônio cultural.

**Palavras-chave**

Memória; Patrimônio cultural; Banda de música; Banda Municipal de Peruíbe; Escola Municipal de Música de Peruíbe

**Introdução**

O problema de pesquisa se desenvolveu a partir da reflexão sobre a memória e o patrimônio cultural da Banda Municipal de Música de Peruíbe e da Escola Municipal de Música de Peruíbe. Os objetivos do estudo discutem a formação desse patrimônio cultural e a importância da sua integração com a sociedade local, objetivando verificar a importância dessas instituições nas vidas dos depoentes e identificar seus possíveis efeitos ou marcas na memória dos entrevistados. Esses dados foram obtidos tendo por base pesquisa qualitativa que se utilizou de entrevistas narrativas. Nesse momento, o intuito foi coletar dados e informações sobre o que teria permitido a esses equipamentos permanecer na memória social dacidade e de seus moradores ao longo de mais de meio século. As análises buscam delimitar as experiências da Banda conforme as relações entre estudantes, o público e a cidade.

As pesquisas sobre memória e patrimônio na Ciência da Informação (CI) são tratadas em geral no âmbito da cultura popular, a exemplo do cordel e música indígena. A diferença, neste caso, está no direcionamento do estudo para uma abordagem que tangencia o patrimônio cultural a partir de atividades musicais em banda de música e suas correlações com a memória, identidade e pertencimento social.

**Breve histórico e características de Peruíbe**

A Estância Balneária de Peruíbe é um município do litoral sul do Estado de São Paulo, pertencente à Região Metropolitana da Baixada Santista, e que faz limites com Itanhaém a norte e nordeste, o Oceano Atlântico a sudeste, Iguape a sudoeste, Itariri a oeste e Pedro de Toledo a noroeste. Está a 140 km da Capital e a 80 km de Santos, e tem como acessos o Sistema Anchieta-Imigrantes e Rodovia Padre Manoel da Nóbrega ou Rodovia Régis Bittencourt e Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, o que registra 172 km partindo de São Paulo.

A população é estimada em 70 mil habitantes[[2]](#footnote-3), com a região central formada por residências e áreas comerciais e os bairros periféricos mais afastados da praia e densamente mais habitados. Os aspectos culturais e históricos de Peruíbe estão ligados à cultura caiçara, com música típica e gastronomia baseada em peixes e frutos do mar.

É uma cidade pacata em meio à natureza que tem como principais atrativos turísticos a Estação Ecológica da Jureia e as praias. Apesar de litorânea, a cidade tem muitas características de interior. No centro fica a principal avenida de comércio, Av. Padre Anchieta, e a praça da igreja matriz São João Batista, Praça Monsenhor Lino dos Passos. É lá que acontece a maioria dos eventos comemorativos, políticos e religiosos do município, inclusive apresentações da Banda.

Atualmente, Banda e Escola são subordinadas ao Departamento de Cultura, órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte de Peruíbe. A sede atual fica na av. Padre Anchieta, nº 905, Centro, uma casa de esquina que já abrigou o Departamento de Cultura e a Biblioteca Municipal. Em 2019, a criação da Lei nº 3.765 instituiu o programa “Bolsa incentivo à Banda” para integrantes da Escola Municipal Livre de Música De Peruíbe – EMLM (PERUÍBE, 2019).

A Escola oferece cursos gratuitos na área da música: iniciação musical, aulas de instrumentos (sopro, percussão, cantos e ritmos brasileiros, técnica vocal, violino, violão, teclado), grupos de estudos e formação de conjuntos musicais. Um dos objetivos do curso é a admissão na Banda Municipal por meio de processo seletivo. Uma vez aprovados, os alunos se tornam bolsistas.

**A banda de música em Peruíbe – do início aos anos 2000**

Com vários nomes e formações, a Banda em Peruíbe existe desde o início da década de 1930, anteriormente à emancipação do município em 1959. Seu auge foi no período do final dos anos 1980 até início dos anos 2000, quando conquistou vinte títulos em campeonatos de Bandas, onze estaduais e nove nacionais (BANDA MUNICIPAL DE PERUÍBE, 2016).

As primeiras informações sobre a formação de uma banda de música na cidade datam de quando ainda se chamava Vila Peruíbe e pertencia ao município de Itanhaém, em meados da década de 1930 (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001).

Em 1936, Álvaro Ivo da Silva, pescador da então Vila Peruíbe, que aprendeu a tocar trombone com seu avô, reuniu mais alguns conhecidos que sabiam tocar outros instrumentos e montaram um grupo composto por 15 pessoas para se apresentar em bares, carnaval e festejos juninos na vila:

As apresentações da banda eram feitas nas residências onde aconteciam festejos, na Praça Narciso de Andrade, hoje Praça Monsenhor Lino dos Passos, no Bar Siri, de propriedade do pescador, ex-vereador e ex-presidente da Câmara Municipal, Sr. Oswaldo Linardi que faleceu no ano de 1998. O Bar do Siri foi o primeiro bar-boate (bordel) da vila. O bar era onde atualmente se encontra o Núcleo da Terceira Idade. (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.1).

A banda não tinha maestro, não era mantida pela prefeitura (de Itanhaém) e não tinha fins lucrativos. Em 1937, Álvaro faleceu, acabando a primeira organização musical de Peruíbe, que durou apenas um ano.

A próxima fase da banda se inicia com o maestro Joaquim Xavier Teixeira, natural de Ubatuba (SP). Começou a tocar em sua cidade natal, trabalhou em São Vicente e Itanhaém quando conheceu sua futura esposa que vivia na Barra do Una (bairro de Peruíbe pertencente à Reserva Ecológica da Jureia). Depois de casados, foram morar na Barra do Una. Lá tocava na vila, e a pedido dos moradores começou a dar aulas de música, contratado pela prefeitura (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.3).

Em 1937 cria a Banda Santa Cecília, com apoio da prefeitura, e passa 21 anos dando aulas de música para rapazes com idade entre 20 a 30 anos. A banda tocava em vários municípios da região e recebia “gratificações simbólicas” e troféus, fazia apresentações em datas comemorativas e retretas em frente a então Capela São João Batista (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.4).

Em 18 de fevereiro de 1959 houve a emancipação político-administrativa de Peruíbe e em 1960 os ex-músicos comandados pelo falecido maestro Teixeira se reúnem e voltam a tocar em Peruíbe (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.5). Em 1961, foi criada oficialmente pelo primeiro prefeito do município, Geraldo Russomano, a Corporação Musical de Peruíbe, por meio da Lei nº 50/1961 (PERUÍBE, 1961).

Para dirigir a nova banda, o prefeito chamou o maestro Vicente Basile Neto e cedeu uma casa para ser a sede do grupo. O maestro Basile regeu a Banda por 20 anos. Apesar da formação mista, os integrantes do sexo masculino ainda dominavam, cujas idades entre 9 e 19 anos. Conforme a idade avançava, os músicos deixavam a banda para entrar no mercado de trabalho ou para estudar em outra cidade, já que não eram funcionários da prefeitura. Em 1981, o então prefeito Gheorge Popescu criou uma gratificação por apresentação para os músicos (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.5).

No final da década de 1970, início dos anos 1980, o maestro Basile criou uma banda feminina, com 16 moças, que se apresentavam semanalmente no coreto da Praça Monsenhor Lino dos Passos (BANDA MUNICIPAL DE PERUÍBE, 2016, f. [4])

Vicente Basile faleceu em 1982. Assim que se afastou da Banda, o maestro deixou uma aluna trombonista, Elizete da Silva, na época com 16 anos, para comandar a Banda Feminina (BANDA MUNICIPAL DE PERUÍBE, 2016, f. [4]). Sendo estudante de música e menor de idade, ela foi contratada pela Prefeitura como auxiliar de merenda escolar. Elizete ficou à frente da banda até 1987 (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.7).

Em 1987, o maestro Zivaldo Ribeiro foi para Peruíbe e assumiu as atividades da banda. Foi então criada a Banda Marcial de Peruíbe, por meio da Lei nº 717/1978(PERUÍBE, 1978). Em 1988, com o Decreto nº 1066 foi criada uma tabela de remuneração (“gratificação financeira especial”) para os músicos(PERUÍBE, 1988). Nessa época, a banda já havia se tornado mista e contava com 32 integrantes (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.10).

Maestro Zivaldo faleceu em 1995. Depois dele, assumiu a Banda o seu aluno e membro da Banda Sérgio Luiz da Silva, irmão de Elizete da Silva. Sérgio foi nomeado como instrutor de bandas e fanfarras e após um ano, como maestro da banda musical (CORPORAÇÕES MUSICAIS DE PERUÍBE, 2001, p.11).

Sob a regência do maestro Sérgio e a coordenação de Elizete, a Banda Municipal conquistou mais 5 títulos paulistas e 6 nacionais, gravou 2 CDs e realizou um projeto de aulas de música para as escolas municipais de Peruíbe (BANDA MUNICIPAL DE PERUÍBE, 2016, f. [4]).

No início de 1996, o prefeito Sodré promulgou a Lei nº 1660 na qual “Art. 1º – Fica denominada Maestro Zivaldo Ribeiro a Escola Municipal de Música e Artes de Peruíbe”. Na Escola eram oferecidos além dos cursos de instrumentos musicais, canto coral, dança e coreografia para balizas e linha de frente, atividades mantidas pela Prefeitura e disponibilizadas gratuitamente para a população (PERUÍBE, 1996).

A partir do início dos anos 2000 a documentação impressa sobre a história da Banda se torna escassa com apenas algumas fotos, alterações da legislação e matérias de jornais avulsas. As informações coletadas nas entrevistas possibilitou o conhecimento de uma parte da história dos últimos 20 anos. Essas informações sinalizam para memórias pessoais e coletivas da Banda em Peruíbe.

**Aspectos teóricos sobre memória, identidade e patrimônio cultural**

Correntemente, estudos sobre o patrimônio cultural se debruçam sobre memória e identidade. Começaremos por esses aspectos para discutir o lugar da Banda e da Escola de Música na comunidade e o processo de legitimação enquanto patrimônio cultural de Peruíbe. Ambas têm apelos fortes do município. É comum os moradores abordarem esses equipamentos com orgulho e lembranças, frequentemente relacionados ao tempo em que a banda representava o município em competições estaduais e nacionais e trazia troféus para a cidade. Também a longevidade de 60 anos faz com que a Banda seja vista como um patrimônio do município no imaginário da população. No senso comum, a memória remete a reminiscências e fatos do passado. Entretanto, esses equipamentos não se referem unicamente ao passado, mas a um passado que se conecta ao presente.

A memória fala do indivíduo e da sua relação com a sociedade e da evolução particular e coletiva, sobre a cultura de um povo, sobre um tempo específico e adjetivado, “o tempo concreto e qualificado das lembranças” (BOSI, 1993, p. 279). Pollak (1992, p. 201) sugere que “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

A memória é construída socialmente a partir de convenções sociais sobre processos de reconstrução do passado. Esse processo de construção revela a relação do indivíduo na sociedade e com a sociedade, alterando e construindo novos quadros sociais. As memórias ajudam a construir e reconstruir a identidade individual e coletiva (SANTOS, 2002, p. 164), ideia essa reforçada por Pollak (1989, p. 9):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.

Preservar a memória é, então, além de recuperar e conhecer as origens individuais, preservar a comunidade e suas tradições. Para Gagnebin (2006, p. 97):

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens.

A preservação das tradições frequentemente implicam a permanência de informações intangíveis do passado que podem ser recuperadas pelas memórias individuais. Esse legado cultural constitui o patrimônio de bens imateriais. Nas palavras de Souza, Crippa (2010, p. 6) “todo tipo de expressão, criação, saberes e fazeres que fazem referência à identidade, à ação e à memória dos grupos sociais”.

Para a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2006), patrimônio cultural são:

Práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Em síntese, os indivíduos identificam como “patrimônio cultural” práticas e expressões artísticas que são transmitidas entre gerações em contextos socais que promovem identidade cultural ao grupo. O patrimônio cultural é decorrente de eventos sociais que cristalizam valores culturais numa dada sociedade (MENESES, 2009, p. 33).

Canclini (2019, p. 202) reforça o aspecto de que o patrimônio pode ser atualizado conforme as necessidades atuais sem deixar de ser um representante da cultura de um povo e sem perder sua essência: “parece que devem importar-nos mais os processos que os objetos, e não sua capacidade de permanecer ‘puros’, iguais a si mesmos, mas por sua representatividade sociocultural”.

Tendo sido locais de encontro, de aprendizado, e de produção musical para a população, a Escola e a Banda de Peruíbe se constituíram em elementos que sedimentaram identidade e memória local, e portanto patrimônio cultural. Para muitas gerações, esses equipamentos sinalizavam para experiências sociais vividas conjuntamente, e que ensejaram memórias individuais e coletivas.

O manejo da memória deve inspirar cuidado, já que se trata de material flexível e sujeito a interpretações e interferências. Uma memória é uma lembrança de uma experiência e, como lembrança, é abstrata e de fácil manipulação (NORA, 1993, p. 22). Gagnebin (2006, p. 97) ainda explica que “o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens.”

As memórias reforçam a identidade social, podendo ser recuperadas por meio de depoimentos, documentos e objetos que foram importantes nos acontecimentos de outrora. E dependem do contexto para (re)viver tempos e espaços, reforçando a noção do pertencimento. Segundo Meneses (2009, p. 27): “trata-se, portanto, de uma relação de pertencimento – mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo: são as duas coordenadas que balizam nossa existência”.

O sentimento de pertencimento e identidade são vistos como fundamentais neste momento denso de globalizações que não raro dissolvem culturas locais em cultura de massa. Nesse sentido, valorizar festas, tradições, culturas locais é uma forma de fazer frente a esse processo globalizante de imposição cultural que dificulta a percepção da própria identidade local. Não se trata de xenofobia, mas de valorização das culturas locais.

Paradoxalmente, a identidade se revela no confronto com o diferente: “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Por isso, os símbolos de identidade reafirmam a noção de pertencimento e manifestam a memória coletiva de congregação do grupo.

Na Banda, o som saído dos instrumentos – sopro e percussão –, no momento da apresentação produz uma vibração, não apenas física, acústica, mas emocional: “uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2018, p. 30). A Banda então é um corpo vivo que troca informações com outros corpos vivos (o público), que ouvem, vêem, sentem, fazem inferências e relações. Uma junção de elementos que formam um conjunto que vão compor um ritual. Isso inclui os momentos de preparação antes da apresentação, durante – com sua relação com o público –, ao final, e ainda com o espaço (por exemplo, uma apresentação na rua ou na praça pode ser transferida de local ou cancelada se chover). Um tipo de ritual de uma apresentação da Banda seria: montagem do equipamento, aquecimento e passagem de som, lanche, troca de roupa, chegada ao local do evento, interação com o público durante as músicas (pedindo palmas, ajuda para cantar), apresentação de coreografias, divulgação de redes sociais e eventos de arrecadação de doações para a Banda (bingos, jantares, festas, viagens) e término com lanche e desmonte e guarda de equipamentos/instrumentos na sede.

Esses rituais estão relacionados também, além do repertório, com as características da prática artística, com o ambiente em que se dá a atividade, como já mencionado. Nesse ambiente, outras situações peculiares serão encontradas para também se comunicarem com a memória: são as paisagens sonoras, sons de qualquer espécie que permeiam o local, conforme explica Schafer (2011, p. 23):

Paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem. Todavia, formular uma impressão exata de uma paisagem sonora é mais difícil do que a de uma paisagem visual.

Isto quer dizer que, qualquer ambiente sonoro em que estejamos inseridos há uma paisagem sonora, seu meio ambiente sonoro/acústico, composto por qualquer som, mesmo que não seja música. Para Schafer, apreender a paisagem sonora é mais difícil do que uma paisagem visual, já que os olhos captam mais facilmente do que os ouvidos, resultado do treinamento a que fomos submetidos com a profusão de imagens diárias a que temos acesso em qualquer lugar em que estamos.

**Entrevistas – a Banda a partir dos anos 2000**

Para identificar questões sobre memória e patrimônio da Banda Municipal e da Escola de Música de Peruíbe, foi definida a abordagem qualitativa com a metodologia de entrevista narrativa, técnica que “permite maior liberdade de expressão, ocorrendo de forma individualizada e natural, possibilitando ao indivíduo expor seus pensamentos, experiências, vivências” (SANTOS, BORTOLIN, ALCARÁ, 2019, p.45).

Esse modo de entrevista busca “uma forma de explorar o potencial das narrativas como fonte de dados para a pesquisa social”, (FLICK, 2009, p. 171). Foram entrevistadas 08 pessoas maiores de 18 anos que pertencem ou pertenceram à Banda Municipal de Peruíbe e Escola de Música como aluno ou funcionário. De acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Plataforma Brasil, os entrevistados não serão identificados.

Durante a conversa, realizada via internet, pela plataforma Zoom, os entrevistados foram motivados, por meio de um roteiro com temas/questões abertas, a falar sobre a presença e influência da Banda/Escola na sua vida, a Banda na cidade, mudanças ocorridas na instituição e na sociedade e a atual geração de alunos. Os entrevistados não tiveram tempo delimitado para as respostas.

A história da Banda a partir do início dos anos 2000 é parcialmente contada pelos entrevistados. De 2004 a 2014 aproximadamente, ocorreram várias mudanças administrativas e práticas na instituição. As várias trocas de gestão na Banda/Escola durante esse período deixaram marcas: mudanças de sede, extravio de equipamentos e uniformes, saída de professores, diminuição de alunos e escassez de títulos de campeonatos. Esses momentos são relatados em diversos momentos pelos entrevistados, por exemplo, na fala do Entrevistado 7:

Quando eu entrei, né, foi a época que ainda existia a Banda, existia toda aquela estrutura de banda, mas quando chegou na minha vez de participar, já estava meio que desmanchando. Então assim, é, infelizmente, né, a gente pode falar que a questão política acaba atrapalhando bastante a banda, né. Como eu disse, eu vi a banda com 100 componentes e eu também vi a banda com dois componentes, então eu já vi vários formatos, né, que a gente tinha que trazer, ah vamos trazer a pessoal das cordas para fazer parte, porque a gente não tinha o apoio da prefeitura, a gente não tinha e é ah coloca um maestro pra lá coloca outro maestro e acaba que traz, né, ah, um aluno que gosta mais de um maestro, que gosta mais de outro. Então a banda se desfez várias vezes, se refez várias vezes e eu acompanhei todo esse processo. Foi bem complicado a gente assimilar tudo isso assim, eu era muito nova, então para mim foi um processinho muito complicado para entender, hoje está um maestro, amanhã não está e o que está acontecendo?

A análise das entrevistas indica repetições de informações pelos entrevistados. Para além dos conceitos de estudo do instrumento e da execução musical, é na revelação de atividades e de comportamentos não diretamente relacionados com a música que observamos a influência da instituição na vida dos alunos/músicos.

Parece evidente que antes de formar músicos, a Escola forma cidadãos, e para isso o trabalho vai além do aspecto técnico, passando por áreas como cultura, educação e assistência social. O trabalho realizado na Escola de Música e na Banda Municipal podem ser categorizados como um tipo de ação cultural ou, conforme explica Coelho (1997, p. 33), uma ação sociocultural:

Para esta concepção, a ação cultural não atinge seus objetivos quando se propõe apenas a criar relações entre as pessoas e a obra de cultura ou mesmo quando se propõe a promover a criação cultural em seu sentido amplo (ação cultural propriamente dita); estas relações devem ser tais que possibilitem às pessoas, compreendendo e dominando os procedimentos da expressão cultural, por sua vez expressarem-se elas mesmas de modo autônomo e nos mais diferentes domínios da vida social. A ação sociocultural propõe às pessoas, considerando seu momento o seu espaço próprios, bem como os meios à sua disposição, uma reflexão crítica sobre a obra cultural, sobre si mesmas e sobre a sociedade (o que pode também ser objeto da ação cultural propriamente dita, ou ação cultural), não lhe bastando, porém, desenvolver entre as pessoas um tipo de relacionamento qualquer, uma forma de aproximação qualquer, nem se contentando com oferecer-lhes apenas a fruição de um momento de lazer; será necessário que dessa ação resulte um benefício claramente caracterizado como social.

Cidadania, respeito, disciplina, responsabilidade, empatia, trabalho em grupo. Essas são as principais palavras mencionadas durante os relatos. Esse trabalho é realizado de forma explícita ou não, dentro do contexto das atividades da Banda, seja na ajuda entre os alunos para o estudo, na organização de uma festa, na colaboração com campanhas sociais, no cumprimento de horários e tarefas ou por meio de rodas de conversas com convidados ou com os próprios maestros/gestores. E essa atuação é uma questão tangível para todos ali dentro, a importância da relação entre as pessoas e o compromisso de apresentar à sociedade um resultado artístico e social.

Entrevistado 8:

A gente aprende muita coisa aqui dentro, não só na parte musical, mas na parte da vida, né, o que a gente vai levar para a vida: respeito, comunhão, a gente trabalha muito isso aqui né, de estar junto, de respeitar o outro, da empatia, de se colocar no lugar do outro. […] Uma coisa que eu sempre vou levar comigo, todo aprendizado que eu tive aqui dentro e todas as oportunidades, né, as minhas amizades também. […] aqui dentro a gente não aprende só música, a gente aprende a ser uma pessoa melhor, a transformar o mundo, né, então é uma coisa que é muito cativante pra mim e eu amo demais.

Esse sentimento de pertencimento iniciado pela memória comum individual e continuado pela memória coletiva tem como função fortalecer a união social, formando um grupo de afetos se tornando uma ‘comunidade afetiva’ (POLLAK, 1989, p. 3). Esses afetos em forma de memória vão sendo transmitidos pelas gerações nas famílias e nos grupos sociais, escola, igreja, atividades profissionais, esportivas e culturais.

É nos locais de memória onde estão as memórias da coletividade, nas quais estão incluídos além dos monumentos e do patrimônio arquitetônico, “as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente relembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, - o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias” (POLLAK, 1989, p. 3).

A questão dos títulos de campeonatos conquistados pela Banda também é um fator sempre mencionado como parte da memória e da identidade coletiva: “existe uma tradição muito grande da Banda em questão de participar de campeonato e de ser tipo super-respeitado”, afirma o Entrevistado 6, e complementa o Entrevistado 7:

A Banda é uma referência, né, desde sempre em Peruíbe. Que a gente consiga levar a Banda adiante, porque é um, vamos dizer, que é um patrimônio público, um dos mais importantes de Peruíbe, uma história também de uma trajetória linda, prêmios que a gente não precisa nem falar que já estão no ouvido de todo mundo.

Como patrimônio cultural imaterial, a Banda certamente possibilitará outras narrativas e memórias para os seus participantes. Nesse sentido, as memórias do passado podem ajudar a dar sentido histórico e pertencimento aos novos partícipes, ao mesmo tempo em que pode favorecer a conexão entre passado, presente e futuro.

**Considerações finais**

Prazer e orgulho pela vivência na Banda e como a experiência mudou a vida para melhor. A oportunidade em aprender um instrumento, ter uma profissão, superar a timidez, se tornar uma pessoa mais sociável, aprender a trabalhar em grupo e a ajudar o próximo. Os relatos dos entrevistados revelaram memórias sobre a Banda e fatos históricos sobre o município em diálogo com subjetividades e afetos individuais, por vezes contraditórias.

A história da Banda e da EMLM intentou ressaltar aspectos do seu processo de constituição em patrimônio cultural e identidade para a cidade de Peruíbe. Mesmo considerando as poucas fontes de informação oficial, a história da Banda na cidade tem referenciais robustos especialmente na memória popular dos seus moradores. Considerando esse aspecto, o trabalho buscou contribuir para diminuir essa lacuna suscitando elementos e informações que possam vir a ser aproveitados como referências em futuras fontes de informação sobre a Banda Municipal e a Escola de Música de Peruíbe.

**Referências**

BANDA Municipal de Peruíbe. [Peruíbe: s.n.], 2016.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S167851771993000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2021.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2019.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORPORAÇÕES Musicais de Peruíbe. Peruíbe: [s.n.], 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: \_\_\_\_\_\_. **Lembrar, esquecer, escrever**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 97-105.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: **Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**. Ouro Preto: IPHAN, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/MENESES\_Ulpiano\_O-campo-dopatrimonio-cultural---uma-revisao-de-premissas.pdf. Acesso em: 08 fev. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. n° 10, p. 12. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101. Acesso em: 12 mar. 2021

PERUIBE (SP)\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Decreto nº 1066**, de 22 de fevereiro de 1988. Estabelece tabela de gratificação financeira especial a alunos músicos da Corporação Musical Municipal Mista. Disponível em https://leismunicipais.com.br/a1/sp/p/peruibe/decreto/1988/107/1066/decreto-n-1066-1988-estabelece-tabela-de-gratificacao-financeira-especial-a-alunos-musicos-da-corporacao-musical-municipal-mista?q=Decreto%201066%20peruibe. Acesso em: 31 maio 2022.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Lei nº 50**, de 11 de setembro de 1961. Cria a Corporação Musical de Peruíbe. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a1/sp/p/peruibe/leiordinaria/1961/5/50/lei-ordinaria-n-50-1961-cria-a-corporacao-musical-deperuibe?q=+Lei+n%C2%BA+50%2C+de+11+de+setembro+de+1961. Acesso em: 25 mai. 2022

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Lei nº 717**, de 04 de outubro de 1978. Cria a Banda Marcial de Peruíbe. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a1/sp/p/peruibe/lei-ordinaria/1978/72/717/lei-ordinaria-n-717-1978-cria-a-banda-marcial-de-peruibe-1999-06-09-versao-compilada. Acesso em 27 mai. 2022.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Lei nº 1660**, de 15 de fevereiro de 1996. Denomina Maestro Zivaldo Ribeiro a Escola Municipal de Música e Artes de Peruíbe. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a1/sp/p/peruibe/lei-ordinaria/1996/166/1660/lei-ordinaria-n-1660-1996-denomina-maestro-zivaldo-ribeiro-a-escola-municipal-de-musica-e-artes-de-peruibe?q=escola+municipal+de+musica+zivaldo+ribeiro. Acesso em 31 mai 2022.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Lei nº 3.765**, de 19 de novembro de 2019. Dispõe sobre a criação do programa “Bolsa Incentivo à Banda” para integrantes da Escola Municipal Livre de Música de Peruíbe – EMLM. Disponível em:

https://leismunicipais.com.br/a/sp/p/peruibe/lei-ordinaria/2019/377/3765/lei-ordinaria-n-3765-2019-dispoe-sobre-a-criacao-do-programa-bolsa-incentivo-a-banda-para-integrantes-da-escola-municipal-livre-de-musica-de-peruibe-emlm. Acesso em 02 ago 2023.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Prefeitura Municipal de**. Disponível em: [www.peruibe.sp.gov.br/cidade-de-peruibe/](http://www.peruibe.sp.gov.br/cidade-de-peruibe/). Acesso em: 26 abr. 2022.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:

http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417. Acesso em: 12 mar. 2021

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941. Acesso em 12 mar. 2021

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 19, p. 121-150, 2002. Disponível em:

https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370. Acesso em: 26 mar. 2021.

SANTOS, Zineide Pereira dos; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Entrevista narrativa: possibilidades de aplicação na Ciência da Informação. **REBECIN**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 44-66, jul./dez. 2019.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001.

SOUZA, Willian E. R.; CRIPPA, Giulia. A cidade como lugar de memória: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. **Museologia e patrimônio**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 61-72, jul/dez. 2009. Disponível em: http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/72. Acesso em 17 jul 2020.

UNESCO, **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial:** Paris, 17 de outubro de 2003. UNESCO, 2006. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

1. Mestre em Ciência da Informação – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo [↑](#footnote-ref-2)
2. Em abril de 2022, de acordo com o site do IBGE, a população estimada para 2021 em Peruíbe foi de 69.697 pessoas. [↑](#footnote-ref-3)